

**“EU TE AMEI DE UM AMOR ETERNO,
TIVE PIEDADE DO TEU NADA”
(Jr 31,3)**

**Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação
Rímimi, 29 de abril de 2016**

Notas da Introdução de Julián Carrón

Não há ato verdadeiro da nossa vida consciente, se não parte da consciência de sermos pecadores. “Estamos aqui porque reconhecemos antes de tudo esta verdade: que somos pecadores. Se vocês acham que são honestos, não é este o lugar para o qual deviam vir: seria de todo inútil”, dizia-nos Dom Giussani, porque “a consciência de sermos pecadores é a primeira verdade do homem que age na vida e na história”.¹ Pecadores, ou seja, necessitados. É desta necessidade que desponta o grito, a pergunta, como acabamos de escutar no *Requiem* de Mozart: “*Salva me, fons pietatis*”.² Como dizia o publicano, do fundo do templo: “Meu Deus, tem compaixão de mim, que sou pecador!”.³

Peçamos ao Espírito que nos doe a consciência desta necessidade da Sua misericórdia.

Oh! vinde, Espírito Criador

Começamos estes nossos dias com a leitura da mensagem que nos enviou o Papa Francisco:

“Por ocasião do curso anual dos Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação que tem lugar em Rímimi, sob o título “Eu te amei de um amor eterno, tive piedade do teu nada” (Jr 31,3), Sua Santidade Papa Francisco, ao dirigir seu cordial pensamento e seus votos, lembra que o Jubileu da Misericórdia é ocasião propícia para redescobrir a beleza da fé que põe em seu centro o amor misericordioso do Pai feito visível no rosto de Cristo e sustentado pelo Espírito que guia os passos dos fiéis nos acontecimentos da história. A misericórdia é a via que une a Deus e ao homem, abrindo o coração para a esperança de sermos amados para sempre apesar

¹ “*Questa cara gioia sopra la quale ogni virtù si fonda*”, Esercizi Spirituali della Fraternità di Comunione e Liberazione, Appunti dalle meditazioni [di Luigi Giussani], Rimini 1993, suppl. a *Litterae communionis-CL*, n. 6, 1993, p. 5.

² W. A. Mozart, *Requiem in ré menor*, KV 626, III. Sequentia, n. 3 Rex Tremendae, CD “Spirto Gentil”, n. 5.

³ Lc 18,13.

do limite do nosso pecado. O Santo Padre auspicia que todos os que seguem o carisma do saudoso Luigi Giussani deem testemunho da misericórdia professando-a e encarnando-a na vida mediante obras de misericórdia corporais e espirituais e sejam sinal da proximidade e da ternura de Deus, para que a sociedade hodierna redescubra a urgência da solidariedade, do amor e do perdão. Ele invoca a proteção celeste da Virgem Maria e, enquanto pede que rezem em apoio ao seu ministério petrino, confere de coração ao senhor e a todos os participantes a implorada bênção apostólica, estendendo-a a todos os que estão conectados via satélite e à inteira Fraternidade. Cardeal Pietro Pasolin, Secretário de Estado de Sua Santidade”.

“Então, o discípulo que Jesus mais amava disse a Pedro: “É o Senhor!” Simão Pedro, ouvindo dizer que era o Senhor, vestiu e arregaçou a túnica (pois estava nu) e lançou-se ao mar.” Estando com ele, “nenhum dos discípulos se atrevia a perguntar quem era ele, pois sabiam que era o Senhor”.⁴

“Depois que se sentou à mesa com eles, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu a eles. Neste momento, seus olhos se abriram, e eles o reconheceram. Ele, porém, desapareceu da vista deles. Então um disse ao outro: ‘Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?’”⁵

Os relatos das aparições de Cristo ressuscitado registram constantemente o espanto dos discípulos ao vê-Lo vivo diante deles. É a Sua presença viva que domina, determinando o ser e o agir deles.

É comovente ver como Jesus se curva sobre a necessidade deles, sobre a desorientação que neles deixou a Sua paixão e morte: Ele responde ao medo, ao choro, à solidão, às dúvidas, à saudade dos discípulos com a Sua presença. De onde nasce esta urgência deles? Depois de tudo o que haviam visto e vivido por anos, por que é tão premente a necessidade deles? Porque toda a história vivida com Jesus, os três anos passados com Ele, os fatos vistos, as palavras escutadas não são suficientes para responder à necessidade presente deles.

A lembrança de um passado, por mais fascinante que seja, não adianta para enfrentar o agora presente. E, com efeito, os discípulos de Emaús diziam entre si: “Nós esperávamos que fosse ele quem libertaria Israel; mas, com tudo isso, já faz três dias que todas essas coisas aconteceram!”⁶ Todos os sinais vistos, a convivência deles e o ter comido e bebido com Ele não conseguiam vencer o desconcerto, o medo e a solidão. Isto ficará sempre ilustrado no choro de Maria Madalena. Só a Sua presença viva constitui uma resposta à altura da necessidade deles. E assim é revelada aos

⁴ Jo 21,7.12.

⁵ Lc 24,30-32.

⁶ Lc 24,21.

discípulos, por meio da experiência deles, a natureza própria do cristianismo. O cristianismo não é uma doutrina, uma ética, um sentimento, mas o fato de uma Presença presente, que domina o olhar de quem a intercepta, uma Presença cuja única preocupação é mostrar-se, invadir a vida de Seus amigos, até ao ponto de fazê-los experimentar uma vida sem medo, sem tristeza, não obstante Ele não esteja com eles como estava antes de morrer.

Aquela Presença viva é que eles têm em comum. Aquela Presença constitui o único fundamento verdadeiro da comunhão deles. E justamente esta experiência os faz ser mais conscientes da diversidade deles.

1. O estilo de Deus

Esta forma de Deus agir, esta revelação a eles depois da ressurreição, que os fazia ser tão diferentes de todos os outros homens, torna ainda mais premente a pergunta feita por Judas Tadeu durante a Última Ceia: “Senhor, como se explica que tu te manifestarás a nós e não ao mundo?”.⁷ Retomando esta pergunta em seu livro sobre Jesus, Bento XVI acrescenta: “Por que é que não Te opuseste com força aos teus inimigos que Te levaram à cruz? Por que não lhes demonstraste, com vigor irrecusável, que Tu és o Vivente, o Senhor da vida e da morte? Por que é que Te mostraste apenas a um pequeno grupo de discípulos, em cujo testemunho temos agora de nos fiar? A pergunta, porém, diz respeito não só à ressurreição, mas a todo o modo como Deus se revela ao mundo. Por que só a Abraão, por que não aos poderosos do mundo? Por que só a Israel, e não de modo indiscutível a todos os povos da terra?”.⁸

E eis a sua resposta: “É próprio do mistério de Deus agir desse modo suave. Só pouco a pouco é que Ele constrói na grande história da humanidade a *sua* história. Torna-se homem, mas de modo a poder ser ignorado pelos contemporâneos, pelas forças respeitáveis da história. Padece e morre, e, como ressuscitado, quer chegar à humanidade apenas através da fé dos Seus, aos quais se manifesta. Sem cessar, Ele bate suavemente às portas dos nossos corações e, se Lhe abrirmos, lentamente vamos tornando capazes de ‘ver’”⁹ e, então, de entender.

Neste ponto, Bento XVI observa: “Contudo, não é este precisamente o estilo divino? Não se impor pela força exterior, mas dar liberdade, conceder e suscitar amor. E – pensando bem – não é o aparentemente mais pequenino o realmente grande? Porventura não irradia de Jesus um raio de luz que cresce ao longo dos séculos, um raio que não podia provir de nenhum simples ser humano, um

⁷ Jo14,22.

⁸ J. Ratzinger/Bento XVI, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a ressurreição*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011, p. 246.

⁹ *Ibidem*.

raio mediante o qual entra verdadeiramente no mundo o esplendor da luz de Deus? Teria o anúncio dos apóstolos podido encontrar fé e edificar uma comunidade universal se não operasse neles a força da verdade [a força do Alto]? Se ouvirmos as testemunhas com coração atento e nos abrirmos aos sinais com que o Senhor não cessa de autenticar as Suas testemunhas e de atestar-se a si mesmo, então saberemos que ele verdadeiramente ressuscitou; Ele é o Vivente. A Ele nos entregamos, sabemos que assim caminhamos pela estrada justa. Com Tomé, metamos a nossa mão no lado transpassado de Jesus e professemos: ‘Meu Senhor e meu Deus!’ (Jo 20,18)”.¹⁰ É isto o que é perturbador, naquele tempo como hoje.

O ponto de partida dos discípulos era esse fato indelével. A consciência deles era definida pela manifestação de Cristo, pelo encontro vivo com o Vivente. Mas justo este fato suscitava neles a pergunta: por que nos escolheste a nós? E esta pergunta os escancarava para a consciência do método de Deus: escolher alguns (eleição, preferência) para chegar a todos, e do Seu modo de agir: um estilo imperceptível. O estilo divino é não intervir com o poder da força, mas suscitar a liberdade sem forçar de nenhum modo. Péguy no-lo lembra de forma assombrosa: “Por esta liberdade [...] sacrifiquei tudo, diz Deus, / Pelo prazer que tenho em ser amado por homens livres, / Livremente”.¹¹

Este método de Deus – a consciência deste método – é particularmente importante neste momento, porque “hoje não vivemos uma época de mudança, mas uma mudança de época”,¹² como diz o Papa Francisco; nos últimos anos, temos frequentemente voltado a este tema da mudança. A nova situação caracterizada pelo colapso de muitas seguranças antigas, provoca em nós também, como nos discípulos, o desconcerto, o medo, as dúvidas sobre como ficar diante dela.

Numa recente e clamorosa entrevista, Bento XVI pôs em evidência a chave – a dimensão crucial – desta mudança de época: “Para o homem de hoje, em relação ao tempo de Lutero e à perspectiva clássica da fé cristã [dominada pela preocupação com a salvação eterna], as coisas em certo sentido viraram de cabeça para baixo [...]. Já não é o homem que acredita precisar da justificação perante Deus, mas é, isto sim, do parecer de que seja Deus que tenha de justificar-se [perante o homem] por causa de todas as coisas horrendas presentes no mundo e em face da miséria do ser humano, todas coisas que em última análise dependeriam d’Ele”.¹³

Estamos na frente de uma verdadeira e própria inversão do ônus da prova. Agora é Deus quem deve de algum modo justificar-se, não mais o homem: esta é a situação em que estamos, esta é a

¹⁰ Ibidem, p. 246-247.

¹¹ C. Péguy, “Il mistero dei santi innocenti”. In: *I Misteri*, Milão: Jaca Book, 1997, p. 343.

¹² Francesco, *Discurso aos participantes do V Congresso da Igreja Italiana*, Florença, 10 de novembro de 2015.

¹³ “Intervista a S.S. il papa Emerito Benedetto XVI sulla questione della giustificazione per la fede”. In: Daniele Libanori (Org.), *Per mezzo della fede*. Cisinello Balsamo (MI): San Paolo, 2016, p. 127. Ver também: *L’Osservatore Romano e Avvenire*, 16 de março de 2016.

“tendência de fundo do nosso tempo”.¹⁴ Em certo sentido, é Deus quem deve justificar-se perante o homem, e não vice-versa; é Deus, paradoxalmente, que – dito em termos positivos – tem de mostrar que está à altura do homem, de seu pedido, de seu grito. “As coisas, em certo sentido, viraram de cabeça para baixo”, inverteu-se o ônus da prova: esse ônus agora está a cargo de Deus. É Ele que tem de demonstrar que está ali para o homem, que lhe é indispensável para viver.

É impressionante como Dom Giussani identificou com antecedência os sinais e o alcance desta mudança epocal e fez dessa mudança a pedra angular do seu método. É como se Deus, Deus feito homem, e a Sua presença histórica, a Igreja, tivessem de se justificar perante os homens ou – com palavras que nos são mais familiares – é como se Deus, a Igreja, “tivessem de comparecer ao tribunal onde você é juiz mediante a sua experiência”.¹⁵

Precisamente isto caracterizou o começo do nosso movimento. Diferentemente de muitos outros, já nos anos ’50 Dom Giussani percebeu que o cristianismo, mesmo sendo o pano de fundo tradicional de todos, já não exercia atração sobre os jovens com os quais se relacionava em Milão e na escola. Era evidente para ele que Deus feito homem, Cristo, tinha novamente de “se justificar” perante aqueles jovens homens que nem queriam saber de Deus, que consideravam, aliás, que deviam finalmente livrar-se d’Ele. O cristianismo, portanto, devia ser reproposto de acordo com sua natureza: um acontecimento que investe a vida agora e a muda.

Sem querer impor nada de fora, desde o primeiro dia de escola Dom Giussani se submeteu ao tribunal de seus alunos, confia sua proposta ao juízo deles: “Não estou aqui para que vocês considerem como suas as ideias que eu lhes transmito, mas para lhes ensinar um método verdadeiro para julgar as coisas que eu lhes direi”.¹⁶

Os elementos característicos deste método resumem-se no anúncio do cristianismo como acontecimento que se propõe à verificação da nossa experiência. Por isso, desde o início, como atesta o primeiro capítulo d’*O senso religioso*, Dom Giussani torna seus jovens interlocutores conscientes de que têm em si mesmos o critério para julgar a proposta que lhes fará: o coração.

E no terceiro volume do PerCurso (*Por que a Igreja*) reafirma que a proposta de Cristo, que chega hoje aos homens por meio da Igreja, “quer mensurar-se” justamente com aquele critério de juízo, “colocando a si mesma à mercê da autêntica experiência humana. Ela abandona a sua mensagem à ação dos critérios originais do nosso coração. Não pede cláusulas a serem cumpridas mecanicamente, entrega-se ao juízo da nossa experiência, aliás, solicita-a continuamente a percorrer o seu caminho completamente [...] A Igreja repete com Jesus que pode ser reconhecida como crível em nome de uma correspondência às necessidades elementares do homem no seu mais autêntico

¹⁴ “Intervista a S.S. il papa Emerito Benedetto XVI sulla questione della giustificazione per la fede”, op. cit., p. 128.

¹⁵ L. Giussani, *L’io rinasce in un incontro (1986-1987)*, Bur, Milano 2010, p. 300.

¹⁶ L. Giussani, *Educar é um risco*. Bauru: EDUSC, 2004, p. 16.

florescer. É o que Jesus entendia com a expressão, já citada, com a qual promete aos Seus discípulos ‘o cêntuplo’ neste mundo”. Continua Dom Giussani: “É como se, portanto, também a Igreja dissesse ao homem: ‘Comigo obterás uma experiência de plenitude de vida que não encontrarias em outro lugar’. É sobre o fio da navalha desta promessa que a Igreja põe à prova a si mesmo, ao se propor a todos os homens como prolongamento de Cristo”.¹⁷

Qual é, então, a justificação de Deus perante o homem, perante nós? A justificação de Deus chama-se “correspondência”, uma correspondência de outra forma impossível às exigências profundas e inextirpáveis do coração do homem, de todo homem, do homem real, aquelas exigências pelas quais ele é perseguido, a despeito de si mesmo, por uma inquietude insanável depois de qualquer conquista. Deus justifica-se perante o homem por aquele “melhor”, por aquele florescimento que Ele gera na vida, por aquela plenitude de humanidade que introduz na existência e que não é obtível pelo homem só com as próprias forças.

A Igreja, enfim, não blefa, insiste Dom Giussani, porque “tudo o que diz e faz está totalmente à disposição da verificação de quem quer que seja. A sua fórmula é: prove você, prove você! Abandona totalmente a sua proposta ao conteúdo da experiência: é você quem julga”. E acrescenta: “Mais aberta do que isto, morre-se! [...] A Igreja não blefa, no sentido de que não impõe nada que você, se não estiver persuadido, seja obrigado a entender a todo custo”.¹⁸

2. “Sinal dos tempos”

Como se pode justificar, então, a Igreja perante nós e perante os homens? É preciso identificar bem a questão, como Dom Giussani nos repetiu muitas vezes citando Niebuhr: “Nada é tão inacreditável quanto a resposta a uma pergunta que não se coloca”.¹⁹ É preciso identificar qual é o problema de hoje, para que a resposta seja perceptível por cada um de nós como crível.

Qual é a pergunta de hoje, do homem de hoje? O Papa Bento XVI, na entrevista citada, identifica-a neste modo: “A percepção de que nós precisamos da graça e do perdão”.²⁰ Por conseguinte, a Igreja poderá justificar-se perante o homem de hoje se responder a esta sua necessidade de graça e de perdão.

Esta é a razão que leva Bento XVI a afirmar: “Para mim é um ‘sinal dos tempos’ o fato de a ideia da misericórdia de Deus tornar-se sempre mais central e dominante”. Já “o Papa João Paulo II estava profundamente impregnado de tal impulso. [...] A partir das experiências em que, desde os

¹⁷ L. Giussani, *Por que a Igreja*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 310.

¹⁸ L. Giussani, *Una presenza che cambia*. Milão: Bur, 2004, p. 294.

¹⁹ R. Niebuhr, *Il destino e la storia*. Milão: Bur, 1999, p. 66.

²⁰ “Intervista a S.S. il papa Emerito Benedetto XVI sulla questione della giustificazione per la fede”, op. cit., p. 128.

primeiros anos de vida, ele veio a constatar toda a crueldade dos homens, ele afirma que a misericórdia é a única verdadeira e última reação eficaz contra o poder do mal. Só onde há misericórdia é que termina a crueldade, terminam o mal e a violência”.²¹ João Paulo II não fez mais do que propor a misericórdia como única resposta verdadeira ao mal e à violência. “O Papa Francisco está totalmente de acordo com esta linha. Sua prática pastoral exprime-se justamente no fato de ele nos falar continuamente da misericórdia de Deus. É a misericórdia o que nos move para Deus [é a misericórdia o que nos atrai], ao passo que a justiça nos assusta [...]. A meu ver”, continua este perspicaz observador que é Bento XVI, “isto deixa em evidência que sob o verniz da segurança de si e da própria justiça o homem de hoje esconde uma profunda consciência das suas feridas e da sua indignidade diante de Deus. Ele está à espera da misericórdia. Certamente não é por acaso que a parábola de bom samaritano seja particularmente atraente para os contemporâneos. E não só por nela estar ela fortemente sublinhada a componente social da existência cristã”, mas também porque, observa Bento, ela diz como “os homens em seu íntimo esperam que o samaritano venha em seu auxílio, que ele se curve sobre eles, derrame óleo em suas feridas, cuide deles e os leve ao abrigo. Em última instância, eles sabem que precisam da misericórdia de Deus e da sua delicadeza. Na dureza do mundo tecnicizado, no qual os sentimentos já não contam nada, aumenta porém a espera por um amor salvífico que seja doado gratuitamente. Parece-me que no tema da misericórdia divina se expresse de maneira nova aquilo que significa a justificação pela fé. A partir da misericórdia de Deus, que todos buscam, é possível também hoje interpretar desde o início o núcleo fundamental da doutrina da justificação e fazê-lo aparecer de novo em toda a sua relevância”.²²

Esta descrição de Bento XVI foi plenamente acolhida pelo seu sucessor. Identificando profundamente essa necessidade que todos temos da misericórdia de Deus, a genialidade do Papa Francisco foi ter conclamado um Ano Santo da Misericórdia. Há no Papa (assim como em João Paulo II e em Bento XVI, acabamos de vê-lo) uma profunda sensibilidade pelo homem contemporâneo, uma inteligência da sua condição, uma apreensão pelas suas inquietudes e pelas suas feridas, que com frequência surpreende e desconcerta, fora e dentro da Igreja, porque quebra as medidas de sempre, os esquemas consolidados, de um lado e de outro.

À pergunta do entrevistador: “*Por que razão, segundo o senhor, este nosso tempo e a nossa humanidade precisam tanto de misericórdia?*”, o Papa Francisco responde: “Porque é uma humanidade ferida, uma humanidade que possui feridas profundas. Não sabe como curá-las ou acredita que não é possível curá-las”. É este, então, o drama que hoje se acrescenta: “Considerar o nosso mal, o nosso pecado, como incurável, como algo que não pode ser curado e perdoado. Falta a

²¹ Ibidem, p. 128-129.

²² Ibidem, p. 129.

experiência concreta da misericórdia. A fragilidade dos tempos em que vivemos é também esta: acreditar que não existe a possibilidade de redenção, alguém que nos dá a mão que nos levanta, um abraço que nos salva, perdoa, anima, que nos inunda de um amor infinito, paciente, indulgente; que nos coloca de novo nos trilhos”.²³ Vê-se no Papa uma inteligência do problema e do caminho: de quais são as feridas e do que as pode curar, de como se podem curar.

O homem contemporâneo precisa da “experiência concreta da misericórdia”. Mesmo em face da desorientação do pensamento, que também fere muitas pessoas, o Papa sabe que não se pode recuperar a ontologia – ou seja, a verdade do ser humano, a consciência clara de si – simplesmente com um discurso correto sobre o homem ou com uma repetição do conteúdo da doutrina moral, mas só através da experiência da misericórdia, que pode escancarar a entender também a doutrina.

Por isso, para responder às feridas profundas do homem contemporâneo, o Papa não organizou um congresso sobre a misericórdia, não se limitou a propor uma reflexão sobre o tema, mas promoveu um gesto que nos permitisse primeiramente a nós fazer a experiência da misericórdia durante um ano inteiro, acompanhando-nos em vivê-lo com o seu chamado.

Para intervir realmente nas aflições humanas, para responder ao homem concreto com sua carga de fragilidade, a Igreja – portanto cada um de nós – precisa, antes de tudo, experimentar o abraço da misericórdia de Deus, de modo a poder comunicá-lo a todos os irmãos homens que encontramos ao longo do caminho.

É esta a finalidade do Jubileu da Misericórdia, em continuidade com o método “imperceptível” de Deus: chegar a todos por meio dos Seus, ou seja, por meio da Igreja, a companhia daqueles que Ele escolhe e que O reconhecem. Propondo o Jubileu à Igreja, o Santo Padre mostra que não sucumbiu ao erro de dar por óbvio o sujeito que tem de testemunhar a misericórdia e o “lugar” em que ele é gerado.²⁴

Vê-se esta consciência da finalidade e do método em atuação no fato mesmo de colocar a pergunta: “*Por que um Jubileu da Misericórdia? O que significa isto?*”, e no modo de responder: “A Igreja” – ou seja, cada um de nós – “tem necessidade deste momento extraordinário. Não digo: é bom para a Igreja este momento extraordinário. Digo: a Igreja tem necessidade deste momento extraordinário. Na nossa época de profundas mudanças, a Igreja é chamada a oferecer a sua contribuição peculiar, tornando visíveis os sinais da presença e da proximidade de Deus. E o Jubileu é um tempo favorável para todos nós a fim de que, contemplando a Misericórdia Divina que supera

²³ Francisco, *O nome de Deus é Misericórdia*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016, p. 45-46.

²⁴ “A fé tem necessidade de um âmbito onde se possa testemunhar e comunicar, e que o mesmo seja adequado e proporcionado ao que se comunica. Para transmitir um conteúdo meramente doutrinal, uma ideia, talvez bastasse um livro ou a repetição de uma mensagem oral; mas aquilo que se comunica na Igreja, o que se transmite na sua Tradição viva é a luz nova que nasce do encontro com o Deus vivo, uma luz que toca a pessoa no seu íntimo, no coração, envolvendo a sua mente, vontade e afetividade” (Francisco, *Carta encíclica Lumen fidei*, §40).

todos os limites humanos [...] possamos tornar-nos testemunhas mais convictas e eficazes”.²⁵ A finalidade é testemunhar. O método é a contemplação, quer dizer, a imersão na experiência da misericórdia, porque o primeiro a ser necessitado é o povo cristão, ou seja, nós, cada um de nós.

Que significa, em última instância, tudo isto para nós? “Dirigir o olhar para Deus, Pai misericordioso, e para os irmãos necessitados de misericórdia, significa prestar atenção ao *conteúdo essencial do Evangelho*: Jesus, Misericórdia que se fez carne, que torna visível aos nossos olhos o grande mistério do Amor trinitário de Deus”. Portanto “celebrar um Jubileu da Misericórdia equivale a pôr de novo no centro da nossa vida pessoal e das nossas comunidades o específico da fé cristã, ou seja Jesus Cristo, o Deus misericordioso”.²⁶ Sim, insiste o Papa na bula de proclamação do Jubileu, “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré”.²⁷ O Ano Santo, então é “para *viver a misericórdia*. Sim, caros irmãos e irmãs, este Ano Santo é-nos oferecido para experimentar na nossa vida o toque dócil e suave do perdão de Deus, a sua presença ao nosso lado e a sua proximidade sobretudo nos momentos de maior privação”.²⁸ É Jesus ressuscitado que se curva sobre as nossas feridas hoje.

“Em síntese, este Jubileu é um momento privilegiado para que a Igreja aprenda a escolher unicamente ‘*o que mais agrada a Deus*’. E, que ‘*mais agrada a Deus*?’”, pergunta-se o Papa Francisco. “Perdoar os seus filhos, ter misericórdia deles a fim de que, por sua vez, também eles possam perdoar os irmãos, resplandecendo como tochas da misericórdia de Deus no mundo. [...] O Jubileu será um ‘tempo favorável’ para a Igreja, se aprendermos a escolher ‘*o que mais agrada a Deus*’, sem ceder à tentação de pensar que existe algo mais importante ou prioritário. Nada é mais importante do que escolher ‘*o que mais agrada a Deus*’, ou seja, a sua misericórdia, o seu amor, a sua ternura, o seu abraço, as suas carícias!”²⁹

E antecipando uma possível objeção, como que lendo o nosso pensamento, o Papa acrescenta: “Sem dúvida, alguém poderia objetar: ‘Mas Padre, neste Ano a Igreja não deveria fazer algo mais? É bom contemplar a misericórdia de Deus, mas há muitas necessidades urgentes!’. É verdade, há muito para fazer, e eu sou o primeiro que não me canso de o recordar. Mas é preciso ter em

²⁵ Francisco, *Audiência geral*, 9 de dezembro de 2015.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ Francisco, *Misericordiae vultus: Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, 11 de abril de 2015, §1.

²⁸ Francisco, *Audiência geral*, 9 de dezembro de 2015.

²⁹ “Inclusive a necessária obra de renovação das instituições e das estruturas da Igreja é um meio que deve levar-nos a fazer a experiência viva e vivificante da misericórdia de Deus, a única que pode garantir que a Igreja seja aquela cidade posta sobre um monte que não pode permanecer escondida (cf. Mt 5, 14). Só resplandece uma Igreja misericordiosa! Se, por um só momento, nos esquecêssemos de que a misericórdia é ‘*o que mais agrada a Deus*’, todos os nossos esforços seriam vãos, porque nos tornaríamos escravos das nossas instituições e das nossas estruturas, por mais renovadas que possam ser. Mas seríamos sempre escravos!” (Francisco, *Audiência geral*, 9 de dezembro de 2015).

consideração que, na raiz do esquecimento da misericórdia, está sempre *o amor-próprio*. No mundo, ele assume a forma da busca exclusiva dos próprios interesses, de prazeres e honras unidas ao desejo de acumular riquezas, enquanto na vida dos cristãos se disfarça muitas vezes de hipocrisia e mundanidade. Tudo isto é contrário à misericórdia. Os impulsos do amor-próprio, que tornam alheia a misericórdia no mundo, são tantos e tão numerosos que muitas vezes nem sequer somos capazes de os reconhecer como limites e como pecado. Eis porque é necessário reconhecer que somos pecadores, para revigorar em nós a certeza da misericórdia divina. ‘Senhor, sou um pecador; Senhor, sou uma pecadora: vem com a tua misericórdia!’. É uma oração muito bonita. É uma prece fácil de recitar todos os dias: ‘Senhor, sou um pecador; Senhor, sou uma pecadora: vem com a tua misericórdia!’.³⁰

3. “Eu te esperei dia e noite”

Cada um de nós tem agora a possibilidade de comparar-se com esta palavra de autoridade do Papa Francisco, que coincide com a de João Paulo II e a de Bento XVI, como afirmou este último. A “raiz do esquecimento da misericórdia” é a prevalência de outros interesses. Os profetas sempre nos deslocam da posição em que estamos. Mas a nossa esperança é justamente estarmos disponíveis ao deslocamento.

Relendo estes textos, não pude deixar de pensar em como, numa situação particularmente desafiadora – que foi o início do ’68, logo após a ocupação da Universidade Católica (da qual participaram muitos membros de GS) –, Dom Giussani identificou a essência da questão no fato de que não esperávamos o Senhor “dia e noite”; tínhamos outros interesses e coisas mais importantes que fazer além de “esperá-Lo dia e noite”. Referindo-se àquela situação, Dom Giussani afirmava sem titubear: “A inteligência da situação e das coisas para fazer [...] nos faltou [...] porque não O esperamos dia e noite.” Por quê? Que quer dizer que não O esperávamos? Significa que esperávamos outra coisa, que esperamos algo diferente disto, ou seja, que o nosso centro não era Cristo. “Assim – a meu ver – se O tivéssemos esperado dia e noite, até a postura dos nossos na convivência deles na Universidade Católica teria sido diferente; foi tão generoso, mas quão verdadeiro?” Para Dom Giussani, com efeito, “a verdade do gesto não nasce de uma astúcia política”, mas “de esperá-Lo dia e noite; de outra forma o nosso discurso se confunde com o dos outros e se torna instrumento do discurso dos outros. Podemos fazer nossas coisas e adotar como paradigma, sem o percebermos, o de todos, o paradigma oferecido por todos os outros. É por

³⁰ Francisco, *Audiência geral*, 9 de dezembro de 2015.

esperá-Lo dia e noite que se distingue o nosso discurso, [que se distinguem] as nossas ações”.³¹

Não é questão de coerência ou se já ter tudo claro. Porque se pode “esperá-Lo dia e noite” até na aproximação de todas as tentativas que são feitas, até descontando a própria pouquidão. É uma questão de desejo, de espera. Uma coisa, com efeito, é sempre esperada, desejada, afirmada como “última” em cada momento, “pelo simples dato de viver cinco minutos”:³² se não é Cristo o desejado, o esperado, é forçosamente outra coisa. Mas isto significa que é dessa outra coisa, não de Cristo e do encontro vivo com Ele, não da comunhão com Ele e da edificação da Sua presença no mundo, que esperamos uma mudança das coisas, da situação – pessoal ou social –. O problema não é a imaturidade das tentativas que fazemos, mas se o desejo e a espera pela Sua presença são a fonte das nossas ações.

“Talvez [dizia novamente Dom Giussani, naquela mesma ocasião, em novembro de 1967] isto não seja dito explicitamente, mas desejamos algo além disto. Este não é um princípio – atenção –, não pode ser afirmado somente como princípio uma vez, deve ser um princípio recuperado todos os dias. Deve ser um *habitus* mental, deve ser uma mentalidade. Deve implicar tudo, o justo e o injusto, o mérito e o erro, o dia e a noite: ‘Eu te esperei dia e noite’. Neste sentido, pensem, por favor, como a origem, no fundo, de tudo – quer a origem de uma possível deserção ou a diminuição dessa espera, ou o fato de esse desejo não criar um *habitus* mental, uma mentalidade –, como tudo depende do fato de se taparem as orelhas diante da profecia que foi feita. Porque Deus manda o profeta para nos alertar. A vocação é sempre por meio da profecia, por meio da voz de um profeta, sempre. Entendem como na raiz está – e assim se concretiza, sem ser banalizado o desejo, o ‘Vem’ de que falávamos antes – o não escutarmos a nossa comunhão? Porque o grupo é a profecia, é o ponto de alerta, é o lugar de chamado. Aqui está a raiz amarga, podre. E estranhamente é justamente uma posição tão equívoca a que podemos ter também a respeito disto; porque valorizar o grupo não é valorizá-lo sentimentalmente, não é valorizá-lo como ombro a ombro, como calor perto de calor, mas como discurso”,³³ ou seja como juízo.

Dom Giussani não fez nada além de nos chamar a atenção constantemente a esse esperá-Lo dia e noite, que é essencial para viver. Quantas vezes, na frente das contínuas faltas de cada um de nós, da traição, nos chamou a atenção, sem escândalo: “Para entender o que é a traição, temos de pensar na nossa distração, porque é uma traição passar os dias, as semanas, os meses... olhem para ontem à noite, quando pensamos n’Ele? Quando pensamos n’Ele seriamente, com coração, no último mês, nos últimos três meses, de outubro até agora? Nunca. Não pensamos nunca n’Ele como João e

³¹ ARCHIVIO STORICO DELL’ASSOCIAZIONE ECCLESIALE MEMORES DOMINI (ASAEMD), *Documentazione audiovisiva*, Ritiro di Avvento del Gruppo adulto, Milano, 19 novembre 1967; vedi anche A. Savorana, *Vita di don Giussani*, Bur, Milano 2014, p. 391ss.

³² L. Giussani, *O senso religioso*. Brasília: Universa, 2009, p. 91.

³³ ASAEMD, *Documentazione audiovisiva*, Ritiro di Avvento del Gruppo adulto, Milano, 19 novembre 1967.

André pensavam enquanto o ouviam falar. Se fizemos perguntas sobre Ele foi por curiosidade, análise, exigência de análise, de busca, de esclarecimento. Mas que tenhamos pensado n'Ele como alguém realmente apaixonado pensa na pessoa pela qual se apaixonou (mesmo aqui rarissimamente acontece, pois tudo é calculado com base no retorno!), puramente, de modo absolutamente, totalmente distanciado, como puro desejo de bem”.³⁴ Como é raro que pensemos n'Ele como uma Presença presente, amada! Bastaria fazer a comparação com os discípulos nos dias seguintes à Páscoa, depois que O tinham visto ressuscitado: o que dominava o pensamento deles, o que prevalecia no olhar deles? Estavam todos tomados por uma Presença que lhes tirava o medo e a tristeza. Mas uma pessoa escreveu: “Li por acaso esta carta simples de Emily Dickinson a uma amiga. Ela me impressionou, porque a senti descrever muito sucintamente a saudade de Cristo: ‘*Morning without you is a dwindled Dawn*’ [A manhã sem você é uma aurora diminuída]. Dentro de toda a confusão, só o afeto por Ele muda a vida, e sem Ele a vida tem menos graça – *a dwindled Dawn*”.³⁵

Em 1982, aos participantes dos primeiros Exercícios da Fraternidade, olhando para os rostos de muitos presentes, pensando no frescor do encontro que os havia conquistado e levado até ali, dizia: “Quem sabe se nos comovemos ainda, como nos comovíamos em Varigotti”, ou seja, no início de GS. E continuava: “Vocês cresceram: enquanto garantiram para si mesmos uma capacidade humana na própria profissão, há como, se possível uma distância de Cristo (comparando à emoção de muitos anos atrás, especialmente de certas circunstâncias de muitos anos atrás). [...] É como se Cristo estivesse distante do coração”.³⁶

E nós? Percebemos a urgência de sermos perdoados, reabraçados por todas as nossas quedas, pela nossa distração, pelo esquecimento conivente que invade os nossos dias, pela nossa traição, a nossa miséria? O que domina em nossa vida – em nosso pensamento e em nosso olhar – neste período de confusão, de desorientação? Sentimos a necessidade da Sua Misericórdia? São Bernardo o expressa bem com esta frase: “O homem começa a sua verdade no reconhecimento da sua miséria”.³⁷

Mas o reconhecimento da nossa miséria não é suficiente; marca o começo da verdade de nós, mas não basta. Em muitas ocasiões, de fato, damo-nos conta de quão insuficiente seja. É preciso alguém que suscite em nós a necessidade de sermos perdoados.

³⁴ L. Giussani, *É possível viver assim?*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008 p. 273-274..

³⁵ Cf. “April 1885, (L 981)”. In: *The letters of Emily Dickinson*, Edited by Thomas H. Johnson, Associated Editor: Theodora Ward, Cambridge MA, The Belknap Press of Harvard University Press, 1958.

³⁶ Cf. L. Giussani, A familiaridade com Cristo, *Passos-Litterae Communionis*, n. 2, mar. 2007, p. 2.

³⁷ “*Primus veritatis gradus est, primum seipsum attendere, seu propriam miseriam agnoscere*” (São Bernardo de Chiaraval, *De gradibus humilitatis et superbiae*, PL 182, col. 948).

É para isto que nos chama o Ano da Misericórdia, como ocasião para nos tornar conscientes de como precisamos que Ele se curve sobre as nossas distrações, sobre as nossas feridas, para nos atrair de novo, como aos discípulos depois do desconcerto da Sua paixão e morte. É como se precisássemos daquilo que dizia Dostoiévski: “Mas quereis castigá-lo de maneira terrível, temível, com o mais terrível dos castigos que se pode imaginar, porém com a finalidade de salvá-lo e fazer renascer sua alma para sempre? Se é assim, esmagai-o com vossa clemência! Vereis, ouvireis como sua alma estremecerá e ficará horrorizada: ‘Sou eu que vou arcar com essa piedade, receber tanto amor, serei eu digno dele?’”.³⁸ É o que Deus faz conosco: “esmagamos” por um ano com a Sua misericórdia, para podermos chegar ao fim do ano com mais certeza dessa misericórdia e assim podermos abraçá-Lo.

Temos de crescer na “convicção da misericórdia”. Por isso nos convém escutar a voz do Papa, o profeta que Deus nos deu para guiar Seu povo neste tempo de reviravoltas epocais: “Também este Ano Extraordinário é dom de graça. Entrar por aquela Porta significa descobrir a profundidade da misericórdia do Pai que a todos acolhe e vai pessoalmente ao encontro de cada um. É Ele que nos procura, é Ele que nos vem ao encontro. Neste Ano, deveremos *crescer na convicção da misericórdia*. Que grande injustiça fazemos a Deus e à sua graça, quando se afirma, em primeiro lugar, que os pecados são punidos pelo seu julgamento, sem antepor, diversamente, que são perdoados pela sua misericórdia (cf. Santo Agostinho, *De praedestinatione sanctorum* 12,24)! E assim é verdadeiramente. Devemos antepor a misericórdia ao julgamento e, em todo o caso, o julgamento de Deus será sempre feito à luz da sua misericórdia. Por isso, oxalá o cruzamento da Porta Santa nos faça sentir *participantes deste mistério de amor, de ternura*. Ponhamos de lado qualquer forma de medo e temor, porque não se coaduna em quem é amado; vivamos, antes, *a alegria do encontro com a graça que tudo transforma*”.³⁹

Tem de crescer em nós a certeza de que a misericórdia é a única resposta verdadeira à situação do homem de hoje, às violências, às feridas, às dificuldades e às contradições que estamos atravessando.

O Papa ressalta, assim, a urgência da misericórdia: “Sentirmos intensamente em nós a alegria de ter sido reencontrados por Jesus, que veio, como Bom Pastor, à nossa procura, porque nos tínhamos extraviado”.⁴⁰ E esclarece que esta é “a finalidade que a Igreja se propõe neste Ano Santo. Assim fortaleceremos em nós a certeza de que a misericórdia pode contribuir realmente para a edificação de um mundo mais humano. Especialmente nesta nossa época, em que o perdão é um hóspede raro

³⁸ Cf. F. M. Dostoiévski, *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: Ed. 34, 2008, vol. 2, p. 961.

³⁹ Francisco, *Jubileu Extraordinário da Misericórdia: Homilia na Santa Missa e abertura da Porta Santa*, 8 de dezembro de 2015.

⁴⁰ Francisco, *Homilia nas Primeiras Vésperas do Domingo da Divina Misericórdia*, 11 de abril de 2015.

nos âmbitos da vida humana, a exortação à misericórdia faz-se mais urgente, e isto em todos os lugares: na sociedade, nas instituições, no trabalho e também na família.”⁴¹

Só alcançando esta certeza, que nos faz atravessar todo e qualquer medo, solidão, dúvida, é que poderemos enfrentar os enormes desafios desta mudança epocal com a única arma eficaz: o testemunho, finalidade última do Ano Santo: “Foi por isso que proclamei um *Jubileu Extraordinário da Misericórdia* [...], a fim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes”,⁴² como fez Jesus com os discípulos.

“É ingênuo crer que isto possa mudar o mundo?”; é como se o Papa se antecipasse em si mesmo às nossas perguntas! “Sim, humanamente falando é uma loucura, mas ‘a loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens’ (1Cor 1,25).”⁴³ É esta convicção de São Paulo o que levou o Papa Francisco a dizer aos bispos do México: “A única força capaz de conquistar o coração dos homens é a ternura de Deus. Aquilo que encanta e atrai, aquilo que abranda e vence, aquilo que abre e liberta das cadeias não é a força dos meios nem a dureza da lei, mas a fragilidade onipotente do amor divino, que é a força irresistível da sua doçura e a promessa irreversível da sua misericórdia”. Mas “se o nosso olhar não dá testemunho de ter visto Jesus, então as palavras que recordamos d’Ele não passam de figuras retóricas vazias. Talvez expressem a nostalgia daqueles que não podem esquecer o Senhor, mas, em todo o caso, são apenas o balbuciar de órfãos junto do sepulcro. No fim de contas, são palavras incapazes de impedir que o mundo fique abandonado e reduzido ao próprio poder desesperado”.⁴⁴

Deixemos que nestes dias o nosso coração se abra a esta misericórdia, escutando, respeitando o silêncio, para que o que vamos escutar nos mude e a presença d’Ele possa dominar em nós, como dominou na vida dos discípulos depois da ressurreição. Se estamos juntos, é para nos apoiarmos nisto.

⁴¹ Francisco, *Audiência geral*, 9 de dezembro de 2015.

⁴² Francisco, *Misericordiae Vultus: Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, 11 de abril de 2015, §3.

⁴³ Francisco, *Audiência geral*, 9 de dezembro de 2015.

⁴⁴ Francisco, *Discurso no encontro com os bispos do México*, Cidade do México, México, 13 de fevereiro de 2016.